

MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS

MINHAS PRIMEIRAS CONSTELAÇÕES

Rubens de Azevedo

No meu curso primário, na Escola XI de Agosto, mantida pelo Centro Estudantil Cearense, por volta de 1938, eu já andava envolvido com Astronomia; vivia recortando revistas, fazendo miscelâneas de artigos de De Mattos Pinto, que saíam na antiga revista Sul América. Ao mesmo tempo, conseguia, nos sebos, livros de divulgação.

Quando fui morar na Vila Ventura - a primeira vila pré-fabricada do Brasil, pelo português Júlio Ventura, feita de placas de cimento - contava com um enorme quintal público; todas as casas davam para esse enorme terreno, com árvores baixas e um horizonte que faria a inveja dos amadores de Astronomia de hoje. Costumava acordar cedo e olhar para o céu até amanhecer. As estrelas eram, para mim, apenas pontos brilhantes de várias cores e eu me perguntava: "Qual será aquela, vermelhinha? Aldebaran? Antares?". Não conhecia sequer o Cruzeiro do Sul...

Não possuía atlas astronômico e nada sabia sobre as linhas e pontos que constituem a Esfera Celeste.

Visitava meu pai o poeta Serra Azul, que costumava recitar as suas poesias com a voz embargada de emoção e entusiasmo. Um dia, ele estava recitando alguns sonetos de seu livro Natureza Ritmada, justamente os que falavam de estrelas:

Mais um vez, ainda, invoco a Musa,
para cantar as lâmpadas do céu:
de Andrômeda, essa tríade que o cruza,
do quadrado de Pégaso a Perseu.

Algol, como um farol de luz difusa,
que se apaga e se acende no apogeu,
decepa a Cabeça de Medusa,
por trás de Cassiopéia e de Cefeu.

Viro-me para o sul, agora em busca
da cauda do Escorpião, que ainda me ofusca,
com o seu deslumbramento sideral;

Já diviso o Eridan, com a estrela albente
que aponta para o Orion, e vejo em frente
a bela Fomalhaut, do Peixe Austral.

Impressionado, achei o soneto belíssimo, mas nada entendi. Perguntei-lhe se ele estava descrevendo as constelações. Confirmada a pergunta, tive a ousadia de perguntar-lhe se conhecia, no céu, essas constelações. "Claro, respondeu. Conheço as constelações desde mocinho, sempre gostei do céu".

Abri-se, então, um mundo novo à minha frente. Serra Azul passou a ensinar-me as constelações e duvido que algum ama dor de Astronomia tivesse tido melhor professor! Além de conhecer muito bem o céu, Serra Azul tinha uma formidável cultura ci entífica. Sua poesia é da melhor qualidade e seu livro Natureza Ritmada é uma das mais belas obra da poesia cearense. Infelizmente, quando o livro foi publicado, a crítica cearense era ainda tão bisonha, composta de literatos tão despídos de conhecimento científico, que o livro passou em brancas nuvens. Ninguém o comentou...

O soneto que me chamara primeiro a atenção era Nos Céus do Brasil - Madrugada de Junho. Depois, copiei outros tão belos quanto o primeiro:

Nos Céus do Brasil - Agosto

É noite. A Ursa Maior ao Norte brilha,
e ao sul de sua cauda, está o luzeiro,
encarnado de Arcturus, cuja pilha
de luz, assêsta ao sul, para o Cruzeiro.

No triângulo, formado em maravilha,
Vega da Lira e a alfa do Boeiro,
com a rubra Antares, do Escorpião, que pilha
e arrasta o Sagitário, prisioneiro.

Próxima do Centauro, o esplêndido astro
mais vizinho do Sol, sem que se tisne,
com o Saco de Carvão, brilha no sul;

E a Via Láctea, ao norte, vai de rastro,
A Águia, e ao seu lado, a imensa cruz do Cisne,
entre Vega e Altair se abre no azul!

Os céus de fim-de-ano, são assim cantados pelo poeta:

Nos céus do Brasil - Dezembro

De Orion o quadrilátero se estende,
com Bellatrix e a Triade famosa
do Boldriê; Rigel branca, que resplende,
e Betelgeuse, estrela cor-de-rosa.

Sírius, do céu a estrela mais formosa,
no centro da Canícula se acende
e parece atrair a luminosa
senda dos Três Reis Magos, que o céu fende.

No Touro, Aldebaran, grande e vermelha;
do Cocheiro, em pentágono fulgente,
Capella em rumo às Plêiades se apura.

E Canôpus, com Sírius, se emparelha,
Longínqua e solitária, quase assente,
na linha austral do pólo, em que fulgura.

Serra Azul foi um excelso poeta e, sobretudo, um cantor das maravilhas da Natureza. Seu livro Natureza Ritmada canta as estrelas, as flores, os animais e até mesmo penetra em assuntos complicados, como é o caso dos sonetos As Dimensões do Espaço e o Espaço e o Tempo:

As Dimensões do Espaço

- "A quarta dimensão do espaço - brada o filósofo, sem saber como se explica a forma no Incorpóreo, igual a nada.

A lei da avaliação, corporífica do espaço, uma porção determinada com relação a um corpo. O resto implica só a extensão vazia e ilimitada.

Se a sua altura é igual à profundidade e se a largura é igual ao comprimento, há uma dimensão única - a extensão.

Se esta é a primeira e o tempo é a quarta, acesa fica a questão sem desenvolvimento... E as outras duas dimensões, quais são?

O Espaço e o Tempo

Conforme quer a atual filosofia, o tempo é a quarta dimensão do espaço, expondo assim grandíssimo embaraço ao sábio professor de geometria.

Vamos ver, mestre! Apruma o teu compasso! Do eixo central para a periferia move a haste, em semi-círculo e, com um traço, mostra os contornos da extensão vazia.

Se resolver esses problemas cusas, para efetuar os cálculos exatos, consumirás com giz todas as lousas.

E ficarás no mundo dos abstratos,
Procurando isolar do espaço as coisas
e dar aos tempos a abstração dos fatos.

Alguns críticos literários acusam Serra Azul de complicado, de anti-poeta, muito embora Augusto dos Anjos tenha se projetado justamente através de sua cultura e sobretudo sua maneira esquipática de cantar. Nada obstante, Serra Azul mostra ser poeta de fina inspiração e grande sensibilidade, como podemos ver no soneto

Eterna Angústia

Vem comigo a esta praia e, quieta, escuta
a dor que vem dos íntimos arcanos.
Que formidável mágoa, imensa e bruta
ferve e revolve o seio dos oceanos.

Passam dias sem conta, meses, anos,
séculos e milênios, e a absoluta
tristeza, sempre a mesma...a mesma luta...
os mesmos ais...os mesmos desenganos. ...

E a este perpétuo choro, a fantasia
dos poetas, transformou nessa harmonia
de milhões de nereidas sobre as águas!

Tal é o canto dos poetas infelizes,
arrancando das íntimas raízes,
as mais belas canções das próprias mágoas.

Serra Azul ensinou-me as constelações, uma por uma, contando-me as belas lendas que elas inspiraram. Os céus são o repositório de todas as antigas estórias que embalaram os sonhos da Humanidade. Ainda hoje, as estrelas passam sobre nós, derramando sua poesia e sobretudo a esperança que alenta, ainda, o homem moderno tão envolvido nos mais absurdos problemas, tão perdido nos mais intrincados caminhos.